

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSTÁRIA DE PARANAÍBA

Viviany Paula Silva Carvalho

HISTÓRIA DE VIDA POR TRÁS DAS VASSOURAS: infância e escolarização de varredores de rua de Paranaíba-MS

**Paranaíba / MS
2016**

Viviany Paula Silva Carvalho

HISTÓRIA DE VIDA POR TRÁS DAS VASSOURAS: infância e escolarização de varredores de rua de Paranaíba-MS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba/MS, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes.

**Paranaíba / MS
2016**

C329h Carvalho, Viviany Paula Silva

História de vida por trás das vassouras: infância e escolarização dos arredores de rua de Paranaíba - MS/ Viviany Paula Silva Carvalho. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

xxf.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr Fernando Luís Oliveira Athayde Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. História oral. 2. Infância. I. Carvalho, Viviany Paula Silva. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 370.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

VIVIANY PAULA SILVA CARVALHO

HISTÓRIA DE VIDA POR TRÁS DAS VASSOURAS: Varredores de rua de Paranaíba-MS

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes (Orientador)

Prof^ª. Me. Radaí Cléria Felipe
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul

Júnior Tomaz de Souza
Psicólogo, Me. em Educação

Dedico este trabalho a Deus e às pessoas que sempre acreditam em mim, na minha capacidade e no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me dar vida e saúde e me amar, mesmo quando eu não mereço, por me proteger, me guardar e guiar meus passos e colocar pessoas maravilhosas em minha vida.

À minha Mãe Edma Aparecida Paula da Silva, a minha irmã Jéssica Paula Silva Carvalho, e ao meu cunhado Leandro Carvalho Ribeiro, que são a minha base, o meu tudo. Obrigada por todo amor, cuidado, carinho e compreensão.

Ao meu orientador, o prof^o Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes, por toda a paciência, carinho atenção e dedicação com que lidou comigo sempre e em especial ao quando da elaboração deste trabalho. São pessoas como o Professor Fernando que me fazem acreditar que vale a pena seguir em frente e fazer a diferença, a não ser só mais um como tantos tem sido.

Ao senhor Victor Hugo Silva Lemos, chefe da equipe de garis da empresa Construção e Georrefenciamento - CONGEO Construção e Comercio – Ltda, pela disponibilidade e ajuda no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus superiores patronais que sempre se mostraram flexíveis com as atividade extraclasse ao longo destes 4 (quatro) longos anos de formação, em especial à minha chefe e amiga Adenice Domingos S. Taveira de Souza.

A todos os meus amigos per todo carinho a mim dispensado, em especial à: Matheus Rodrigues Barbosa, Dayane Cardoso da Silva e Júnior Tomaz de Oliveira por sempre me incentivarem a continuar nessa caminhada acadêmica, quando eu pensei em desistir; à Daniele Ferreira Lima, Jaciene Aparecida da Silva, Nilza Fernanda de Souza, minhas amigas de sala que sempre me ajudaram, me compreenderam, me motivaram; à Eliene Mariano Fernandes e Lívia Fernanda Torres, que são minhas grandes amiga, e sei que pode passar o tempo que for que o amor, o carinho, a amizade e a cumplicidade sempre serão intensos.

À minha grande amiga Elaine Cristina Rocha de Oliveira, por toda ajuda durante o curso, por todo apoio material e afetivo, sem ela, provavelmente eu não teria conseguido.

Aos meus colegas de sala, por todas as experiências, aprendizado e companhia ao logo do curso, mesmo com tantas diferenças, soubemos superar e agora, só teremos saudades e boas lembranças.

E finalmente, rendo agradecimentos à senhora Geni Ferreira da Silva e ao senhor Marcílio Castro de Oliveira, por aceitarem participa deste trabalho, contando sua história, e

principalmente me ensinando valiosas lições de vida, que espero, sejam absorvidas pelos leitores. Ensinaram-me que os valores morais são muito mais valiosos do que qualquer valor monetário, e a sempre investir em meus estudos, não parar de estudar, e principalmente, ser feliz com o que eu tenho, porque a felicidade definitivamente está nas coisas pequenas, naquilo que é tão simplório, quanto um sorriso, um bom dia, o abraço, um gesto de afeto.

*Se a educação sozinha não transforma a
sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.*
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a infância e a escolarização dos varredores de rua em Paranaíba-MS. Os trabalhadores da limpeza pública pertencem a uma classe quase invisível aos olhos da população, só são notados quando deixam de fazer o seu trabalho. Não há interesse e respeito pelas pessoas que exercem esse tipo de trabalho, como se fosse um trabalho “sem importância”, principalmente pela falta de prestígio profissional. A pesquisa se justifica pela necessidade de confirmar ou refutar a ideia de que a infância e escolaridade dessas pessoas foram fundamentais na sua profissão hoje. O recorte cronológico, 1950-1960 foi pensado por ser o ano que iniciaram suas escolarizações. A metodologia utilizada foi a História Oral. O trabalho ocorre em duas etapas: na primeira apresenta-se as noções e conceitos de história oral; e na segunda etapa apresenta-se a entrevista feita com dois funcionários da limpeza pública de Paranaíba-MS. Espera-se que esse trabalho contribua para que as pessoas entendam a história dos varredores de rua que atuam no município de Paranaíba-MS, pois observou-se na elaboração do presente trabalho que as pessoas entrevistadas, durante a infância tiveram que trabalhar para ajudar no sustento familiar e que diante disto, não puderam se quer concluir o ensino fundamental.

Palavras-chave: História Oral. Infância. Escolarização.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on childhood and schooling of street sweepers in Paranaíba-MS. Workers of public sanitation, are an almost invisible class to people's eyes, are only noticed when they fail to do their job. There is no interest and respect for persons performing such work, as if it were a work "not important", especially the lack of professional prestige. The research is justified by the need to confirm or refute the idea that childhood and education of these people were instrumental in their profession today. The chronological cut, 1950-1960 was thought to be the year that began schooling. The methodology used was the Oral History. The work takes place in two stages: the first presents the notions and concepts of oral history; and in the second stage, we present the interview with two employees of public cleaning Paranaíba-MS. It is hoped that this work will help people to understand the history of the street sweepers who operate in the city of Paranaíba-MS, as it was observed in the preparation of the present work that the people interviewed during childhood had to work to help the family's livelihood And that before this, you could not want to complete the elementary school.

Keywords: Oral History. Childhood. schooling

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior,

CONGEO – Construção e Georreferenciamento

GEPHEB - Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira

GEPEDI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvidora e Profissionalização Docente

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Geni Ferreira da Silva.....	30
Figura 2 – Geni Ferreira da Silva na infância.....	37
Figura 3 – Marcílio Castro de Oliveira	37
Figura 4 – Carteira de Trabalho	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 HISTÓRIA ORAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS	14
1.1 Definição e Conceito em História Oral	14
1.2 O surgimento da História Oral no Brasil	16
1.3 Considerações à cerca de História Oral e Memória	17
1.4 Reflexões sobre memória	17
1.5 Reflexões sobre seletividade e subjetividade em História Oral	20
1.6 Das possibilidades de uso da História Oral	21
1.7 Sobre os meios e fins da História Oral	23
1.8 Das Entrevistas	25
1.9 Das Divisões da História Oral	27
1.9.1 História Oral de anônimos	27
1.9.2 As narrativas na História Oral de vida	28
1.9.3 História Oral de surdos e História Oral de família	29
2 HISTÓRIA DE VIDA POR TRÁS DAS VASSOURAS	31
2.1 Infância e escolarização da dona Geni Ferreira da Silva	31
2.2 A Infância e escolarização do senhor Marcílio Castro de Oliveira	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo das ciências humanas, mais especificamente a cerca história de vida por trás das vassouras: varredores de rua de Paranaíba-MS, tendo como principal objetivo investigar da infância e escolaridade de dois varredores de rua desta cidade.

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira – GEPHEB, e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática Desenvolvimental e Profissionalização Docente - GEPEDI.

A escolha do tema se deu em virtude de que esta categoria possui *invisibilidade pública*, assim definida por Costa (2008, p. 15):

A invisibilidade pública, desaparecimento de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação.

A invisibilidade pública é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de alguém vinculado à forma baixa do trabalho assalariado, o trabalho desqualificado, alienado e alienante.

Assim, o varredores de sua, compõem uma categoria de trabalhadores invisíveis.

Gonçalves Filho (1998, p. 22) assim a descreve:

Invisibilidade pública é a expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: a humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíam pesado sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: a violação da terra, perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçados, a dominação nos engenhos ou depois nas fazendas e fábricas.

Assim, julgamos importante voltar o olhar para essa categoria, dar voz aos mesmos, investigar como foi a infância, qual o grau de instrução deles, algo que leve a entender como se tornaram varredores de rua, sendo esta uma profissão tão preterida pela sociedade.

Para tanto, foi realizada pesquisa no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e nas bibliotecas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), não encontramos nenhuma pesquisa que aborde o tema. Nesse sentido, justifico que trata-se de uma pesquisa inédita na Unidade Universitária de Paranaíba.

Para desenvolver a pesquisa utilizamo-nos dos fundamentos da história oral que é definida por Pinto (2016) como:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e construção de fontes para estudo da história contemporânea. É um método de extrema importância que, consiste basicamente na realização de entrevistas gravadas com pessoas que testemunharam acontecimentos do passado e também do nosso presente.[...] Esse método possibilitou à História uma nova perspectiva de acontecimentos, já que, o que antes era narrado em livros por autores já conhecidos passou a ser visto (e ouvido) com uma nova perspectiva e por testemunhas que antes eram esquecidas ou ignoradas historicamente.

Assim, para dar voz a essas pessoas, não há método mais eficaz que a pesquisa em História Oral, que dá à a oportunidade de dizer o que sente, o que pensa, e colocar suas emoções, seu ponto de vista.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por serem os mais idosos varredores de rua de Paranaíba (MS). A primeira entrevistada foi a Senhora Geni Ferreira da Silva, 61 (sessenta e um) anos de idade, divorciada, mãe de dois filhos que aprendeu com a sua criação a não demonstrar sentimentos, e que não consegue dizer aos filhos que os ama, reproduzindo a criação que recebeu de seus pais. E o segundo entrevistado foi o senhor Marcílio Castro de Oliveira, 56 (cinquenta e seis) anos de idade, casado, funcionário da limpeza pública que se orgulha de nunca ter faltado ao trabalho, nem por questões de saúde, e que quando mais novo fora picado por uma cobra. Ambos não concluíram o ensino fundamental, visto que precisavam trabalhar quando criança para ajudar no sustento da família,

O trabalho foi dividido em dois capítulos, no primeiro foi feita considerações acerca da História Oral. No segundo capítulo são apresentadas as entrevistas da senhora Geni Ferreira da Silva e do senhor Marcílio Castro de Oliveira que contam como foi a sua infância, suas experiências de vida, como foi a vida escolar deles, bem como a vivência com os familiares, salientando que desde pequenos tinham que trabalhar para ajudar a família.

1 HISTÓRIA ORAL: NOTAS INTRODUTÓRIAS

1.1 Definição e conceitos em História Oral

O ser humano tem a capacidade de relatar aos demais suas histórias, seus sentimentos e percepções. E essas experiências transmitidas de boca a boca de pais para seus filhos, de avós aos netos, gerações para gerações, ao longo do tempo deu início a história da humanidade tal qual conhecemos hoje, conforme leciona Grele (*apud* Freitas 2006, p. 17) “... a real e secreta história da humanidade é contada em conversas e, a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros.” Assim, a história é construída de forma oral, para depois tornar-se codificada e preservada ao longo do tempo.

Desta forma, uma das maneiras de construir e difundir a história é por meio de História Oral. Mas o que é História Oral? Freitas (2006, p. 18) ensina que:

História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevista e outros procedimentos entre si, no registro de narrativas da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Definida por Allan Nevis como “moderna história oral” devido ao uso de recursos eletrônicos, a história oral é técnica e fonte, por meio das quais se reproduz conhecimento.

[...]

De abrangência multidisciplinar, ela tem sido sistematicamente utilizada por diversas áreas das áreas das ciências humanas [...] O uso de fontes orais no trabalho historiográfico é cada vez mais comum [...]

Então, nas definições do autor acima citado, a História Oral constitui uma metodologia de pesquisa que busca na pessoa a sua fonte.

Alberti (2005, p. 155) define História Oral como:

Uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Nesse sentido, fica evidente que a principal finalidade da História Oral é criar fontes históricas a partir de depoimentos.

Freitas (2006) divide a história oral em três gêneros narrativos distintos: tradição oral, história de vida, história temática, onde a tradição nada mais é, que um testemunho transmitido verbalmente de geração em geração, que hoje, é a principal fonte nas

comunidades tribais e/ou iletradas, mas que, de acordo com a autora, pode ser encontrada também nas sociedades rurais e urbanas em cantigas, brincadeiras, estórias infantis, *et. all*, que são transferidas de maneira verbal de uma geração á outra ao longo do tempo.

Assim, numa sociedade oral, por tradição, ainda segundo Freitas (2006, p. 20), “tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições [...] tudo é cuidadosamente transmitido, enquanto que numa sociedade que adota a escrita, somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição”.

No que concerne à História de Vida, Silva e Barros (2010, p. 71), a definem como “o retrato de uma pessoa cuja trajetória é significativa para a compreensão de eventos, períodos e de práticas culturais e históricas, cuja trajetória é registrada e analisada num esforço para deslindar interações entre percursos individuais e processos coletivos”.

Vale ressaltar que História Oral não é o mesmo que história de vida, tendo em vista que esta pode ser apenas um relato autobiográfico, de maneira oral. A História de vida é uma forma de reconstruir o passado de uma pessoa, por seus próprios relatos. (Meihy, 2011).

Meihy (2011, p. 84) destaca ainda que: “A questão de verdade neste ramo da história oral depende exclusivamente de quem da a entrevista. Se o narrador diz, por exemplo, que viu um disco voador, que esteve em outro planeta, que é reencarnação de outra pessoa, não cabe duvidar.”

No que tange a História Oral temática, Freitas (2006, p. 21) afirma que “a entrevista tem caráter ético e é feita com um grupo de pessoas, sobre um determinado assunto”. A autora diz ainda que:

Essa entrevista tem característica de depoimento, não abrange necessariamente a totalidade da existência de informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação ente eles apontando divergências, convergências e evidências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo. (FREITAS, p. 21-22).

Assim, com a coletividade de depoimentos e memória de uma temática forma-se a memória coletiva.

Meihy (2011, p. 88) define a História Oral temática como sendo:

a que mais se aproxima das soluções comuns e tradicionais de apresentação de trabalhos analíticos em diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Que sempre, em história oral temática, equipara-se o uso da documentação oral ao das fontes escritas. A Subjetividade perde parte da sua consistência, nesses casos.

A História Oral temática é muito utilizada no meio acadêmico na confecção de trabalhos científicos.

Meihy (2011) acrescenta mais uma gênero a essa classificação: a História Oral testemunhal, que, de acordo com o autor, é caracterizada por “narrativas afetivas às vivências dramáticas e de consequências graves, história oral testemunhal, mais do que documentar e permitir análises, dimensiona ações voltadas as estabelecimento de políticas publicas inerentes à “reparação”. (MEIHY, 2011, p. 85)

O referido autor, preconiza ainda que:

A História Oral testemunhal se faz imperiosa em caso de entrevistas com pessoas ou grupos que padeceram torturas, agressões físicas relevantes, ataques, exclusões, marcas que ultrapassam a individualidade. [...] a constância e gravidade dessas ocorrências mostraram que a história oral de vida não daria conta da centralidade de traumas de grave repercussão social. (MEIHY, p. 86)

Com o avanço da sociedade, os meios de comunicação começam a buscar alternativas práticas e rápidas de comunicação, por isso é cada vez mais comum a utilização de entrevistas em pesquisas, que servem como meio de esclarecer dúvidas, ouvir outros pontos de vistas e resolver alguns conflitos, na maioria dos casos marcadas pela imparcialidade do entrevistador.

1.2 O Surgimento da História Oral no Brasil

Antes de tratar deste tema, é preciso salientar que mesmo com a grande dimensão que a História oral ganhou no país nos últimos anos como fonte de História, há ainda grupos de pesquisadores que relutam em aceitar a História Oral pela seletividade, trazendo à baila a falibilidade das fontes orais. Para esses pesquisadores, a história deve basear-se apenas em documentos oficiais, conforme bem lembra Sonia Maria de Freitas (2006, pag 35).

A demora na entrada da História Oral no Brasil, principalmente nos anos 90, deve-se ao golpe militar de 1964, que, de acordo com Meihy (1995, *apud* FREITAS, 2006, p. 36)

[...] coibiu projetos que gravassem experiências, opiniões ou depoimentos. Em consequência disto, opiniões ou depoimentos. Em consequência disto, enquanto, no resto do mundo, proliferavam projetos de histórias oral, nós nos retraíamos, deixando para o futuro algo que seria inevitável.

Freitas (2006) afirma também que, após adotar a História Oral, o Brasil passou a participar com mais frequência de encontros e congressos internacionais e, no que tange aos trabalhos de História Oral apresentados, percebe-se claramente a influência do pensamento

européu da época. Os pressupostos e estruturas teóricas eram franceses, uma vez que no Brasil era algo novo e necessitava se amparar em alguma experiência.

Meihy (2000, *apud* CARNEIRO, 2012, p. 123) salienta ainda que:

Cabe pontuar que a história oral no Brasil assim como no restante da América Latina, principalmente nos países que viveram governos ditatoriais, teve sua incorporação associada ao processo de redemocratização, o que diferencia o papel da história oral latino-americana da europeia ou norte-americana. Outra diferença entre, a história oral brasileira e a “história oral primeiro - mundista” -, era o fato de não podermos utilizar os mesmos critérios analíticos usados pelos autores estrangeiros para estudar, por exemplo, a escravidão, a miscigenação, os grupos marginalizados e excluídos.

Com isso, busca-se construir a sua própria história, a partir dos relatos de quem a fez.

1.3 Considerações acerca de História Oral e Memória

Conforme já afirmamos, a História Oral ainda não é plenamente aceita, visto que ainda há uma corrente de pesquisadores que estão atrelados ao testemunho escrito como documento histórico, sob a alegação da fidedignidade deste em detrimento da falibilidade das fontes orais. Neste prisma, os depoimentos passaram a ser vistos apenas fontes acessórias e com pouca credibilidade histórica, dada uma subjetividade do depoimento oral.

Freitas (2006, p. 39-40), destaca que:

Se pouca credibilidade era dada aos depoimentos escritos, os orais foram praticamente ignorados [...], o testemunho oral ou escrito mostrava-se, evidentemente, uma fonte inadequada, só devendo ser utilizada como último recurso e, assim mesmo, com extrema cautela.

Este panorama começou a mudar quando, em 1929, Lucien Febvre e Marc Block lançaram uma revista intitulada *Annales*, um momento importante para a construção da História enquanto ciência. A partir de então se reformulou a forma de pensar e reconstruir o estudo de história.

A esse respeito, Freitas (2006, p. 40-41) afirma que:

O grupo dos *Annales*, no período de 1929 a 1969, principalmente, tinha concepções comuns que foram resultado de debates travados com historiadores tradicionalistas. As ideias e diretrizes do grupo, apresentadas por Peter Burke (1981), são as seguintes:

1) A substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema;

- 2) História de todas as atividades humanas e não apenas de história política;
- 3) Colaboração com outras disciplinas, tais como [...] sociologia, a psicologia [...] antropologia social. [...]
- 4) Introdução de diversos aspectos da vida social nos estudos da história, trabalhados por Febvre: a vida diária, o povo e as coisas, [...]
- 5) Ênfase na história econômica, demografia e social, salientando os aspectos sociais por meio de estudos regionais, coletivos e comparativos em detrimento do episódico e individual;
- 6) Descoberta e utilização de novas fontes: tradição oral e vestígios arqueológicos.

Assim, a grande importância do Grupo *Annales* para a solidificação da História Oral como fonte de pesquisa e fonte histórica.

Febvre (1989, p. 249) defende que:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninha. [...] Numa palavra, como tudo aquilo que, pertencendo ao homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Seguindo a visão de historiadores que só aceitam documentos escritos como fonte primordial da história, Freitas (2006, p. 44) entende que desta forma “a África não tem história, pois esse continente é constituído de sociedades organizadas a partir da tradição oral, portanto sem escrita”.

A História Oral tem a missão de reconstruir o passado, seja ele recente ou contemporâneo, uma vez que se tornará história também.

A Linguagem auditiva exerce papel crucial na reconstrução do passado, uma vez que, de acordo com Freitas (2006, p. 47), “é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente”. E acrescenta ainda que:

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento. (FREITAS, 2006, p. 47)

Desta forma a História Oral é feita pelas pessoas do povo, bastando apenas ter algo a contar e vontade de contribuir para a formação da história.

1.4 Reflexões sobre a Memória

Como é sabido, história é sinônimo de memória, existindo uma fusão entre ambas. Elas não se diferenciam, ou, nas palavras de Freitas (2006, p. 58), “a história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras. É nesse momento que a história dá voz ao povo pela primeira vez. O século XIX, portanto, é o momento da perda da memória, ou melhor, ela vai se ancorar na história”.

No que concerne à memória, Nogueira (2012, p. 5, *apud* CERTAU, 1990, p. 131) diz que:

A relação da memória com a história vem sendo objeto de estudos constantes, em pesquisas individuais e coletivas, cujos significados vão desde relatos de acontecimentos passados, a outros pontos de vista. De acordo com os teóricos a memória aparece como arte, construída por fragmentos e detalhes que são lembrados, lembrados, muitas vezes esquecidos, ou apenas silenciados “longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita.

Assim, a memória exerce papel crucial na construção da História.

Delgado (2010, p. 9) define memória como sendo “[...] uma construção sobre o passado atualizada e renovada no tempo presente”, destarte, embora a memória verse sobre fatos já ocorridos, ela se faz no tempo.

Le Goff (2003, p. 419) defende que memória é “a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças, às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Evidente que o autor considera a busca da memória fundamental na construção da sociedade.

O fato é que a memória ainda é algo muito complexo, ainda hoje muito pouco conhecido pela ciência, que vem se dedicando ao longo do tempo para desvendar seus mistérios.

No processo de memória, também estão presentes a seletividade e o esquecimento. A esse respeito Freitas (2006, p. 60, *apud* THOMPSON, 1972, p. 5) leciona que:

Do ponto de vista psicanalítico, o esquecimento não é visto como um fenômeno passivo ou uma simples deficiência do organismo. As lembranças que incomodam são expulsas da consciência, mas continuam atuando sobre o comportamento no inconsciente. Portanto, selecionar ou esquecer são manipulações conscientes ou inconscientes, decorrentes de fatores diversos que afetam a memória individual. “[...] por um curtíssimo espaço de tempo

temos algo que se assemelha a uma memória fotográfica, mas isso dura apenas uma questão de minutos [...] esta fase específica é muito, muito breve, e então o processo de seleção organiza a memória e estabelece espécies de vestígios duráveis, por meio de um processo químico.

Assim, a mente seleciona os fatos mais importantes e de maior destaque e o esquecimento age primeiro nas demais lembranças.

Bergson (1999, p. 266), defende que a memória “tem por função primeira evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil”. Ele ainda complementa dizendo que, “nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (BERGSON, 1999, p. 166). Como se filtrasse todas as informações e experiência vividas com intuito de buscar a melhor solução para o dilema presente.

Bergson (1999, *apud* FREITAS, 2006, p. 62-63) apregoa que:

A memória-pura - verdadeira memória - se mantém sub consciente, ligada ao “eu profano” e caracteriza-se pela singularidade, pois as lembranças são únicas e alcançam o indivíduo por meio de uma evocação.. somente a memória-pura recuperaria o passado em sua totalidade e sem nenhuma intenção utilitária. Mas para isso é preciso afastar o cérebro, distancia-lo da ação.

Nesse sentido, chega-se à conclusão que recordar não é apenas relembrar o passado, e sim revivê-lo, refazê-lo, reconstruí-lo de acordo com as novas informações e ideias do presente, tendo em vista que o passado, de acordo com Freitas (2006, p. 65) “[...] não sobrevive tal como foi, porque o tempo transforma as pessoas em suas percepções, ideias, juízos de realidade e de valor”. A referida autora acrescenta ainda que “a reconstrução do passado, portanto, irá depender da integração do indivíduo em um grupo social que compartilha de suas experiências. Será esse grupo que dará sustentação a suas lembranças”. (FREITAS, p. 65-66).

Desta forma, a construção do passado depende da memória que será influenciada pelo presente e pelas trocas de experiências de cada indivíduo com a comunidade em que vive e que o partilha suas lembranças.

1.5 Reflexões sobre seletividade e subjetividade em História Oral

Como dito anteriormente, para uma corrente de historiadores tradicionalistas a História Oral não deve ser considerada uma fonte de construção da História, visto a

subjetividade dos depoimentos, tendo em vista que advém da memória individual que, em determinados ocasiões, pode ser falha e fantasiosa.

Cabe lembrar que em se tratando de História Oral, o entrevistado é considerado um agente histórico. Desta forma, Freitas (2006, p. 67) destaca que:

[...] é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Por outro lado, a subjetividade está presente em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas ou visuais. O que interessa em História Oral é saber por que o Entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois esta seletividade tem o seu significado. Além disso, a noção de que documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fonte vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação.

Muito além do que é dito, em história Oral o silêncio, bem como as emoções e reações do entrevistado, também devem ser interpretados. O trabalho desenvolvido pelo historiador desta categoria busca registrar as percepções e experiências do indivíduo no meio em que vive. (FREITAS. 2006, p. 70).

Freitas (2006, p. 70) ensina que “a credibilidade da fonte oral não deve ser avaliada por aquilo que o testemunho oral pode frequentemente esconder, por sua inexatidão para com os fatos, mas na divergência deles, onde imaginação e simbolismo estão presentes”.

A subjetividade é considerada força primordial da História Oral, tendo em vista que para o depoente, as suas convicções, aquilo que ele acredita, se sobrepõe ao que de fato aconteceu.

Importante dizer também que o entrevistador deve agir com perícia e fidedignidade diante dos relatos, uma vez que o material gravado pode e deve ser utilizado por outros pesquisadores.

1.6 Das Possibilidades de uso da História Oral

A grande sacada da História Oral é que ela pode e deve ser utilizada além dos muros da universidade. Ela pode ser usada por museus – como no museu da língua portuguesa, museu da imigração, bem como em instituições privadas, igrejas, *et. all.* Desta forma os projetos em História Oral podem ser desenvolvidos sem nenhuma complicação, em qualquer contexto, seja de iniciativa individual, coletiva, ou institucional.

Thompson (1992, p. 22), afirma que:

A História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existem entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

A História Oral, ao dar voz a diferentes narradores, permite que se tenha várias versões sobre uma mesma história, como lembra Freitas (2006, p. 80) “o método da História oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reintegração do passado, em fim, uma história alternativa à história oficial”. Desta forma, todos fazem parte da construção da história, e em muitos pontos um complementa o outro, e todos constroem a memória coletiva.

Portelli (1981 *apud* FREITAS, 2006, p. 80) leciona que:

A primeira coisa que diferencia história oral, é que ela nos diz menos a respeito dos acontecimentos em si do que o seu significado. Isto não quer dizer que a História Oral não possua interesse factual, entrevistas muitas vezes revelam fatos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de fatos conhecidos, e elas sempre jogam uma luz nova sobre aspectos inexplorados da vida cotidiana das classes não hegemônicas.

Uma das maiores virtudes da História Oral é a integração que promove com outras fontes, como por exemplo, com as fontes escritas, bem como seu aproveitamento multidisciplinar. Destarte, a fonte oral é fruto de uma relação estreita entre informantes e pesquisadores.

Para a realização de uma pesquisa que utilize a história oral como método, assim como em todas as demais formas de pesquisa, se requer uma formalidade, uma preparação, cujo primeiro passo é a elaboração do projeto de pesquisa bem como das metas que se pretende alcançar com o referido trabalho.

Freitas (2006, p. 84) destaca que:

Ao se eleger um tema, é importante que esse seja relevante para as questões históricas mais amplas. Sendo um método por excelência voltado para a informação viva, a História Oral abarca o período contemporâneo da História. Portanto, após a definição do tema, há que se definir o nome das pessoas a serem entrevistadas.

A autora lembra ainda que “há que se preocupar com a qualidade e não com a quantidade de entrevistas a serem realizadas. Além disso, não se deve limitar o tempo de duração das entrevistas, e essas devem respeitar sempre a velocidade e as formas de se expressar de cada indivíduo”. (FREITAS. 2006, p. 86)

1.7 sobre os meios e os fins da História Oral

Os projetos em história oral desenvolvem-se por meio de entrevistas gravadas, que posteriormente passaram a integrar os denominados bancos de história. O arquivo desses documentos resultantes das gravações acontece, segundo Meihy (2011, p. 14), por dois motivos: “jurídico e de acervo, para que eventualmente, no futuro sejam feitos estudos sobre a história da instituição”.

Meihy (2011, p. 15-16) pontua ainda que:

Uma das características originais dos projetos de história oral é a sua capacidade de gerar documentos novos [...] O caminho para a produção de documentos [...] completa o ciclo do sentido de experimento em história oral. Se o projeto se limitar à produção do documento, como fim, sem a análise complementar, o alcance da história oral será sempre instrumental, posto que sirva como instrumento para ações de análise futuras. Assim, temos três tipos de situações em relação ao uso de entrevistas em história oral: 1) *história oral instrumental*; 2) *história oral plena*; 3) *história oral híbrida*.

Acerca da História Oral instrumental, Meihy (2011, p. 15-16) afirma que:

A história oral instrumental cumpre suas funções no registro, trabalho de captação das entrevistas e da passagem do oral par ao escrito, no arquivamento de disponibilidade pública de acordo com acertos prévios feitos entre as partes. Mesmo utilizada após o processo concluído, sua finalidade inicial se vê incluída na obediência à proposta do projeto, que, afinal, era reunir entrevistas. A História Oral instrumental deve ser entendida como uma parte independente de futuras investidas. Estas podem ou não dependendo de possibilidades complementares ou de projetos por outras pessoas usando essa base.

No que concerne à história oral plena ou pura, Meihy (2011, p. 15) afirma que “se estabelece na medida em que todo o processo é previsto pelo projeto norteador da pesquisa e pela análise se entrevistas, considerando apenas as narrativas”. O autor acrescenta ainda que:

A história oral plena se realiza em si, isto é, depois de elaboradas as entrevistas, traçam-se análises de várias pessoas contidas em um mesmo projeto, ou seja, na combinação das narrativas formuladas pelas entrevistas que lhes garante em si autonomia e consciência analíticas. Mais do que história oral instrumental que apenas procede aos registros, a história oral

plena exercita a análise fazendo as entrevistas dialogarem. [...] As análises, nesses casos, devem ser sempre comparativas, mesclando opiniões, pontos de vista ou fatos relevados em gravações que contenham redes de entrevistados com características próprias. (MEIHY, 2011, p. 16).

A História Oral híbrida distingue-se por utilizar a interação de documentos diversos (dentro do tema) com a análise das entrevistas. Cabe ressaltar que essa classificação é apenas para questões metodológicas, não há entre elas uma hierarquia estabelecida.

Acerca das gravações, Meihy (2011, p. 20) estabelece que:

[...] todo registro de gravação gera um suporte inicial que é em si um documento inevitável porque existe em matéria fisicamente. Mas, nos caso específico, quando o suporte inicial permite desdobramentos, cabe considerar que o texto produzido, trabalhando na passagem do estado da linguagem oral para o estado de linguagem escrito, e devidamente legitimado pelo entrevistado, é a forma do documento, completa, determinada pelos critérios classificatórios em história oral.

A gravação é apenas uma das instâncias de construção em História Oral, é apenas uma fonte, e para ter validade e dar prosseguimento ao processo de construção é necessário a autorização do entrevistado. Para passar do oral para o escrito é preciso o máximo de cuidado para não deturpar o que fora dito pelo entrevistado.

Em História Oral é a oralidade que fornece subsídio para a escrita, e não ao contrário, como de costume. Essa relação entre oralidade e escrita tem se reinventado, criando uma nova forma de construir a História.

Meihy (2011, p. 21-22) afirma que “entrevistas demandam um cerimonial que, por simples que seja, transforma a situação de pesquisa em evento social, ainda que íntimo.” E, justamente por isso, “dar entrevista não é ato banal”.

A entrevista, portanto, desenvolve-se harmonicamente entre entrevistador e entrevistando no que se denomina *colaboração*, que é definida por Boni (TRANSCRIÇÃO E COLABORAÇÃO: MAIS QUE CONCEITOS, UMA FORMA DE COMPARTILHAR CONHECIMENTOS. 2013) como sendo:

[...] a aceitação de que o produto final de um projeto de história oral é resultado de uma dupla representatividade. Desta forma, pesquisador e entrevistado, aqui denominado colaborador, assumem a responsabilidade pelo produto confeccionado coletivamente. A entrevista de história oral, elemento central do trabalho é, assim, a reprodução de um encontro a partir do qual se constrói uma narrativa a respeito de determinado assunto ou tema pertinente à pesquisa.

Por se tratar em História Oral de uma pessoa contando sua história para outra pessoa, a questão da autoria se faz latente, e é esclarecida por Meihy (2011) da seguinte forma:

Consagrado judicialmente que o autor é quem promove o projeto, quem assume a responsabilidade de sua condução, é ele que arca com o processo de continuidade da pesquisa até o fim. Assim, pois, judicialmente é o autor quem assina a pesquisa. Há potenciais encargos jurídicos na produção de uma pesquisa. Em especial quando o resultado ganha dimensões públicas, é preciso que o responsável seja claramente nomeado. (Pag. 25).

Assim, a exemplo do que já acontece nas demais áreas do conhecimento, em História Oral há uma postura ética a ser seguida, tendo em vista que, em especial nesse caso, lida-se com a personalidade dos indivíduos.

1.8 Das Entrevistas em história Oral

Meihy (2011) salienta que para que as entrevistas sejam feitas e a história Oral surja, os projetos devem ser capazes de responder a quatro perguntas: 1) quando; 2) de quem; 3) como, e; 4) por quê. E diz ainda “sem esses pontos de partida, não faz sentido usar entrevistas. Um fator e a mais convida a pensar que colaboração é atitude interrogativa e/ou complementar de partes que, mesmo com interesses conflitantes, apenas ganham sentido no conjunto social ou histórico.” (MEIHY, 2011, p. 28-29)

No que tange ao primeiro questionamento, o autor afirma que há duas correntes de pensamento: a primeira delas se utiliza de história oral quando não há na literatura, subsídios necessários para o desenvolvimento da pesquisa, e a segunda, trata-se de história oral como via alternativa, buscando contemplar várias visões de um determinado tema

As entrevistas envolvem no mínimo duas pessoas, que como já dito anteriormente, colaboram para a construção da História Oral e podem ser ainda: únicas/múltiplas, abertas/fechadas, contínuas/intercaladas, diretas/indiretas.

Meihy (2011) divide a entrevista em três etapas: pré-entrevista; entrevista; e pós entrevista. No tocante à pré-entrevista, o autor define que “corresponde à etapa de preparação do encontro em que se dará a gravação. É importante que haja, sempre que possível, um entendimento preparatório para que as pessoas a serem entrevistadas tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação.” (MEIHY, 2011, p. 103-104).

O entrevistador deve combinar previamente com o entrevistado local e horário da entrevista. Para a entrevista o entrevistador necessitará de um gravador ou filmadora, e é preciso que deixe o entrevistado à vontade, uma vez que ele precisará fazer um resgate à memória e, para tanto, o ambiente deve ser propício.

É de suma importância que o entrevistador deixe bem claro ao entrevistado que nada será divulgado sem a anuência do mesmo.

E, por fim, a pós-entrevista que, de acordo com Meihy (2011, p. 105), “é etapa que segue a realização da entrevista ou das entrevistas. Cartas ou telefonemas de agradecimento devem ser enviados a fim de estabelecer a continuidade do processo.”

Após a realização das entrevistas, chega o momento de passar para o escrito. Meihy (2011), divide esse processo em três etapas distintas: a transcrição, a textualização e a transcrição.

A transcrição nada mais é que passar do oral ao escrito, escrever exatamente o que se é dito no momento da entrevista. Esse trabalho muitas vezes é feito por uma terceira pessoa e, em decorrência disso, Meihy (2011, p. 108) lembra que “a responsabilidade pela transcrição é sempre do autor do projeto.” Desta forma, se houver distorção no que foi transcrito, o autor do projeto é que será legítimo para responder pelo erro.

Manzini (2016, n.p) acrescenta que:

A transcrição terá como meta transpor algo sonoro, que pode ser escutado e reescutado, algo que foi vivenciado, para uma representação gráfica, que passará a ser objeto de análise por parte do pesquisador. Assim, essa passagem deverá ter recortes e o pesquisador deverá escolher seus critérios para representar graficamente aquele dado que foi coletado. Dessa forma, ao afirmar que a entrevista foi transcrita, é necessário expor os critérios de transcrição, pois a entrevista é muito maior do que a sua transcrição.

Assim, a transcrição e passar para o papel, o que foi dito na entrevista, observando sempre a fidelidade ao que foi dito pelo entrevistado.

Na textualização Meihy (2011, p. 109) explica:

É nesta fase que se escolhe o tom vital de cada entrevista, frase que sirva de epígrafe para a leitura da entrevista. É sobre essa frase que se pretende organizar o critério de percepção do leitor. Assim, portanto, a frase escolhida funciona como uma guia para a recepção do trabalho. A contextualização é um estágio mais complexo na elaboração do documento em história oral, obedecendo a uma lógica exigida pelo texto escrito.

Em muitos casos, é nesta fase que começa a dar sentido à entrevista transcrita, organizando as ideias, pois muitas vezes, os entrevistados perdem o foco e o retomam mais adiante.

A autora supracitada acrescenta ainda:

Entrevistas longas ou contendo erros para que se aquilatar o nível de integração linguística do colaborador têm mostrado a fragilidade desses argumentos. Entrevistas trabalhadas de maneira a sistematizar as ideias e feitas em soluções formais adequadas à boa recepção evidenciam a necessidade de interferência do autor no trabalho. (MEIHY, 2011, p. 109).

O cuidado com a linguagem no momento da transcrição é imprescindível, visto ser um trabalho acadêmico, entretanto trabalhar de mais a linguística do que é dito, corre o risco de mudar o sentido e essência simples do que se espera de trabalhos em História Oral.

A terceira e última etapa é a transcrição, que, na definição de Meihy (2011, p. 110), “é a elaboração de um texto recriado em sua plenitude. Com isso, afirma-se que há interferências do autor no texto; ele é refeito várias vezes e deve obedecer a acertos combinada com o colaborador.”

Nessa etapa o autor também pode acrescentar aspectos da vivência que obteve junto à comunidade, se julgar necessário. Esse é o momento em que os elementos extratexto são incorporados

Queiroz (1983, p. 84) destaca que com o simples ato de escutar a gravação, o entrevistador pode “[...] captar a experiência sem a acuidade dos envolvimentos emocionais que o contexto vivo” (entrevista), tendo em vista que tem a oportunidade de reouvir atentamente tudo o que fora dito de maneira mais calma, sem pressão e conseqüentemente, mais atento e perceptivo. Assim, “ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência” (QUEIROZ, 1983, p. 84).

1.9 Das Divisões da História oral

1.9.1 História Oral de anônimos

Em determinados projetos de história oral, o colaborador precisa ficar anônimo, como explica Meihy (2011, p. 116):

Isso ocorre quando, para evitar a identificação pública do colaborador, seja por questão de risco, seja para evitar constrangimento envolvendo terceiros, muda-se o nome da pessoa. Há casos que se torna necessários, inclusive, alterar situações da história, do contexto ou versão de algum fato capaz de possibilitar a precisão dos casos.

Assim, os trabalhos em História oral não devem ter como fulcro a exposição dos colaboradores, e sim de suas histórias e, principalmente em casos de segurança e

constrangimento do colaborador ou de outrem, deve ser mantido o anonimato, algo que o pesquisador deve deixar bem claro para o colaborador, até para que ele se sinta confortável à contar sua história.

1.9.2 As narrativas na História Oral de vida

Meihy (2011, p. 117) lembra que “é evidente que as narrativas variam de pessoas para pessoas e que há interferência que fazem com que se mude o rumo de alguma entrevista”. O autor classifica em 5 categorias narrativas a história oral de vida.

A primeira delas é a **narrativa de vida pública**: “quase sempre políticos, artistas, desportistas consagrados, que contam suas histórias pautadas sempre em uma imagem que precisa ser zelada. Nesses casos, a narrativa é marcada por factualismo, objetividade profissional e pouca introspecção.” (MEIHY, p. 117).

A segunda espécie são as **narrativas épicas** que de acordo com Meihy (2001, p. 118)

Quase sempre de figuras de vida comum que, contudo, contam as duas histórias de maneira heroica e sempre triunfal, geralmente passando por grandes alterações quer na vida pessoal, quer nas transformações históricas. Nas narrativas, evocam, inconscientemente, mitos épicos. [...] Líderes de movimentos sociais desenvolvem sempre narrativas heroicas que, em muitos casos, se aproximam das narrativas fatalistas mescladas com exaltações morais.

O autor salienta ainda que nesta narrativa, ainda que o narrador tenha fracassado, ou falho em seu intento, é sempre retratado como um vitorioso, ainda que moralmente.

A terceira espécie são as **narrativas trágicas**: como o próprio nome já sugere, são as narrativas carregadas de drama; alguns narradores contam suas vidas expressas de maneira dramática. “O processo narrativo desse tipo de depoente é marcado por fatos tristes detalhados com impressões doidas que afinal dão conta da mensagem que quer passar”. (MEIHY, 2011, p. 119)

A penúltima modalidade compreende as **narrativas cômicas**: são as narrativas feitas com grande doses de humor. Meihy (2011, p. 120) esclarece que:

O acompanhamento das tramas propostas por esse tipo de narrador é difícil, pois o “interessante” e o compromisso com a continuidade da manutenção do riso, muitas vezes, acabam por confundir o entendimento sequencial da narrativa. Para manter a narrativa “alegre”, a concatenação dos fatos obedece a uma lógica tortuosa que implica idas e voltas. Quando estas entrevistas são transcritas, o trabalho de explicitação dos casos narrados tem que combinar a observância do humor com a lógica do entendimento.

E, por fim, as **narrativas mistas**: como o próprio nome sugere, nesta modalidade o narrador utiliza-se de mais de uma espécie de narração para contar sua história. A maioria das pessoas contam a própria história mesclando várias soluções narrativas. “É importante o entrevistador saber distinguir a forma narrativa do entrevistado para poder compreender melhor a sessão e integridade de maneira eficiente”. (MEIHY, 2011, p. 122).

1.9.3 História Oral de surdos e História de família

É importante ressaltarmos que, em muitas ocasiões o colaborador não consegue contar sua história por impedimentos de expressão, a exemplo dos surdos. Nestes casos, narradores próximos aos colaboradores podem contribuir com a tradução de suas histórias.

No que tange á história oral de pessoa falecida, Meihy (2011, p. 123) leciona que:

Muitas vezes é comum a referencia a narrativa de vida de pessoas falecidas, distantes ou mesmo de que já se ouvir falar. Não se trata de fazer uma narrativa biográfica no sentido amplo do termo. Sempre que se fala em fragmento narrativo de vida de outrem, abordam-se episódios dessas vivências, pequenos casos recortados e por vezes narrados ou por terem disso testemunhados ou por ouvir dizer.

Fatos que contenham sentimento moral ou cômico sempre ganham destaque na escolha dos casos que serão abordados nessa categoria.

Um ramo da história oral de vida que vem se destacando nos dias atuais é a História de Família. Meihy (2011, p. 127) salienta que “sem se confundir com a história oral de vida (individual), a de família retrata a saga de um grupo com laços sanguíneos e dependente de um projeto que atravessa gerações.” E como o próprio nome sugere, e a história da família, é um levante de seus fundadores, muito além apenas uma árvore genealógica.

Meihy (2011, p. 128) afirma ainda que:

A história oral de família não é a apenas a soma das histórias de vidas de indivíduos consanguíneos. Ela sempre tem um compromisso com a definição do projeto familiar que organiza, através de gerações, a trajetória do grupo que aceita ou refuta as propostas iniciais. Normalmente, os projetos de história oral de família provocam entrevistas de duas ou três gerações, e, nesses casos, através da transformação do processo histórico que envolve os membros da comunidade.

Silva (2013, p. 424-425) ensina que:

Em termos práticos, podemos dizer que a História de Família se origina em relatos que são produzidos com duas finalidades principais: a de elaborar e,

ao mesmo tempo, de transmitir uma memória de uma família em um tempo histórico concreto. Na história de família se descrevem trajetórias individuais e grupais que se reconstróem através da oralidade de seus protagonistas; neste sentido, o método da história oral, articulado à técnica da História de Família, é central.

Assim, diante do que fora apresentado até o presente acerca de história oral, nenhum outro método seria tão eficaz para trabalhar o tema proposto para este trabalho, que versa sobre a infância e a escolarização dos varredores de rua da cidade de Paranaíba/MS.

No capítulo seguinte, passaremos a apresentar a entrevista feita com a senhora Geni Ferreira da Silva e o Senhor Marcilio Castro de Oliveira, funcionários da limpeza Pública municipal, que irão relatar sua infância, seu grau de formação educacional, bem como suas experiências de vida.

2 HISTÓRIA DE VIDA POR TRÁS DAS VASSOURAS

As entrevistas aqui apresentadas foram realizadas na sede da empresa Construção e Georreferenciamento - CONGEO Construção e Comercio Ltda, localizada no bairro Santo Antônio, em Paranaíba-MS. Na oportunidade, foram entrevistados a senhora Geni Ferreira da Silva, e o Senhor Marcilio Castro de Oliveira que são funcionários da empresa Construção e Georreferenciamento - CONGEO Construção Ltda, empresa terceirizada pela prefeitura municipal, para cuidar da limpeza publica da cidade de Paranaíba-MS.

As entrevistas foram gravadas, armazenadas em CD-ROM transcritas para o computador. Esses documentos serão oferecidos ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira - GEPEGE como fonte oral para futuras análises e estudos.

2.1 Infância e escolarização da dona Geni Ferreira da Silva

Figura 01 Geni Ferreira da Silva



Fonte: Acervo da pesquisadora

O meu nome é Geni Ferreira da Silva. A minha infância foi boa, eu comecei a trabalhar com 7 (sete) anos de idade, mas também tinham momentos em que eu brincava, os meus pais eram bons comigo. Não tenho o que reclamar da minha infância.

Quando eu era criança a gente brincava de barata. A gente corria e batia a mão um na mão do outro, corria, se escondia. Brincávamos de mamãe e papai, mas só entre as meninas, porque não tínhamos bonecas.

Quando eu tinha cerca de 10 (dez) anos, a gente fazia boneca de espiga de milho, com aquele cabelinho, ai nós fazíamos os olhinhos, ou sabugo, colocávamos vestidinhos. A primeira boneca que eu tive foi aos 12 (doze) anos, quando meu pai me deu uma de presente. E eu a tive até quando eu tinha cerca de 50 (cinquenta) anos, depois doe para uma criança.

Tinha só duas amiguinhas, pois nós morávamos na fazenda.

Eu entrei na escola com 7 (sete) anos de idade e nessa época eu tinha que levantar as 05:00 (cinco) da manhã, e ir a pé e era muito perigoso, porque tinha vaca brava, então tinha que sair mais cedo. Eu estudei no distrito de Votuporanga – SP, em uma fazenda chamada córrego do Barreiro, em 1961. A aula começava às 07 h (sete) horas e acabava ao 12h (meio dia), e eu me lembro que a minha primeira professora se chamava Nice.

O meu primeiro dia de escola foi terrível, porque a gente não saia de casa, tinha vergonha, não era como as crianças de hoje. Fui me sentar na classe, e no primeiro dia fiz xixi na roupa, de medo, de vergonha de pedir para ir no banheiro, eles me bateram, porque eu fiz xixi, fiquei de castigo ajoelhada. Quando cheguei em casa, o meu pai também me bateu. Eu não me esqueço disto. Era uma escola que tinha só primeiro, segundo e terceiro ano, e meus irmão também estudavam ali.

Era uma escola pequena, na fazenda, tinha uma lousa grande, e todas as séries estudavam juntas e ao mesmo tempo, em uma só classe. Dividido apenas em filas, de primeiro, segundo e terceiro ano. A professora pegava na mão da gente e ensinava escrever, ensinava a fazer o “A”. A gente tinha medo, porque apanhava, mas eu nunca apanhei, porque eles falam que batiam com palmatória, mas levava puxões de orelha porque eu tinha vergonha, e abaixava a cabeça, e não podia. Mas, bater, de surra, de régua, eu nunca via, nunca apanhei assim, era só puxões de orelha mesmo. Hoje já não pode mais, ainda bem. Mas as crianças aprendiam mais fácil, porque tinha medo e estudava.

Nessa fazenda eu estudei e conclui o quarto ano e recebi o diploma. Eu tinha padrinho. O meu cunhado é o meu padrinho, como se fosse em um batizado, tinha música... eu reprovei, no segundo ano. Ai quando eu me formei tinha uma musiquinha “Adeus grupo escolar” eu não esqueço aquela musica. Nós cantamos aquela música sentida, todo mundo chorou, eu tenho o diploma em casa até hoje. Uma parte da musica dizia assim “Adeus grupo escolar, vamos ficar, vamos partir, com lembranças desse lar todos vamos sentir”, ai eu já não lembro mais. Mas eu tenho a música lá em casa.

No 2º ano, o meu professor foi o professor Geraldo, ele chegava na segunda feira, acho que ele bebia bebida alcoólica, nem dava aula direito, ficava sentado, e eu me apaixonei pelo professor. Eu era uma menina de 8 (oito) anos apaixonada pelo professor. Era coisa de criança, eu gostava do professor. Eu reprovei naquele ano, não prestava atenção na aula. Sabe que na época a gente nem percebia que ele bebia, depois que os meus pais falavam “ah o professor Geraldo chegou bêbado, ele estava bêbado, na segunda-feira ele nem dava aula”. Nós fazíamos barulho e ele batia na mesa e falava “castigo”. E a escolinha era desse jeito

No 3º ano foi o professor Osmar Frói, era um italiano calmo, ele sim ensinava mesmo. Se não fizéssemos direito, ele chamava nossos pais para conversar. Bom, passei de ano. Depois fomos estudar no grupo escolar da cidade, ai era uma professora, e na época que ela estava dando aula pra mim, ela faleceu em virtude de um câncer. Ela tinha um filho, o Orazil, que estudava conosco. Nesse período, eu já era muito sapeca, eu brigava muito com esse Menino. Depois que ela faleceu, entrou outro professor, ou melhor, foi o João, o diretor, que terminou de dar aula para nossa classe. A professora era esposa do professor Osmar Frói, só que ele dava aula no sitio, e ela na escola. Aprendi dia a gostar de ler com esse professor – Osmar Frói.

Na escola da cidade a classe já tinha duas fileiras de meninas e duas fileiras de meninos, tinha as mesas de madeira, tinha tinteiro onde molhava a caneta para escrever, não podia borrar não. Tinha um pedacinho de flanela que usávamos para limpar o excesso. Eu escrevia certinho, em cima da linha, hoje que eu escrevo fora da linha, mas eu escrevia certinho, o “a, e, i, o, u” era em cima da linha, se fizesse fora, rasgava a folha e fazia de novo.

Ah, e sobre a comida, tínhamos uma ficha, amarela, azul e verde. A gente comprava a comida, que era diferente uma da outra, dependendo da cor da ficha. Não é igual hoje que é tudo igual. A ficha verde era para as pessoas que não podiam comprar, era uma sopinha, um macarrão. Levava-se o dinheiro na hora pra comprar. A gente não podia comprar, e minha mãe fazia pão em casa, ou fazia uma “marmitinha” e eu trocava com os meninos, porque eu gostava da comida da escola.

Depois que eu recebi o diploma, eu não estudei mais. Na verdade eu parei porque eu quis. Depois eu me casei. Diferente das meninas que sonhavam eu ser professora, eu nunca tive esse sonho, acho que nunca tive esperança. Eu tinha 12 (doze) anos quando terminei a 4ª série e me casei com 18 (dezoito) anos. Na roça tinha que trabalhar, e meu pai não me deixava estudar a noite, pois eu teria que ir para cidade a noite, porque eram 4 (quatro) quilômetros. Eu tinha os meus irmãos, mas eles também não quiseram estudar.

Acredito que eu não estudei porque não tive o apoio dos meus pais, era diferente de hoje, eles sempre diziam que tinha que terminar logo para trabalhar na roça. Quando eu reprovei eu não disse que tinha reprovado, eu disse que tinha passado, com medo de ficar de castigo. Quando eles descobriram que eu reprovei, eu fiquei de castigo, e eles ficam só falando “tem que terminar pra ir pra roça”, então eles não iriam deixar que eu estudar mesmo, porque já falavam assim. Então eu nunca pensei em estudar mais. Depois que eu casei é que deveria estudar, mas eu não estudava, e nem pedia, porque ele não iria deixar. Mas eu me arrependi, se fosse nessa época de hoje, eu já teria lutado para “ser alguma coisa”.

Eu me lembro que a primeira cartilha com que eu estudei se chamava “Caminho Suave”, e tinha um história que eu não me esqueço, a do Vicente que tinha dor de dente , porque eu tinha muita dor de dente , não tinha dentista naquela época. Para eu ir na escola marrava um pano. Colocava coisa quente anoite para conseguir dormir a noite toda. Tínhamos os dentes todos estragados porque não tinha escova de dente, eu não sei se tinha pra vender, ou o meu pai que não comprava. Escovávamos os dentes com cinza. Íamos descalços para a escola.

Voltando a estória do Vicente tinha dor de dentes – eu me lembro, porque cada dia um aluno se levantava e lia – o Vicente tinha dor de dente, porque ele não tinha condições de ir ao dentista, e não ele tinha dor de dente, não tinha remédio, ai colocava cinza quente e quebrava o dente, era esse tipo de coisa assim. Tinha também a estória da onça e a raposa. Na capa tinha um menino amarrado, com dor dente. Eu me identifiquei, porque com 13 (treze) anos eu tive que tirar os dentes da frente, porque não escovava dente, tinha os dentes fracos.

Hoje as crianças tem tudo nas mãos. Eu mesmo procurei dar aos meus filhos tudo que estava ao meu alcance. As minhas filhas são “estudadas”, se formaram, o meu filho não estuda mais porque não quer, ele parou no terceiro ano.

Eu me lembro que para entrar na sala de aula tinha fila de menino e de menina, com os menores na frente, ai íamos cantar o hino nacional, todos os dias, tinhas que ficar com a postura reta e com a mão no peito. O uniforme era uma sai de prega azul, feita com saco de sal, que hoje as pessoa usam para passar pano no chão, então a minha mãe clareava ele e fazia a blusa e a saia. A saia eu tingia de azul, e usávamos uma fitinha branca, no peito.

Lembro que na minha sala tinham 12 (meninas) e 16 (dezesseis) meninos, no primeiro ano, tudo pequenininho.

A escola não permitia que as meninas e os meninos brincassem juntos. Os menino brincavam em uma área separada, com bolas e caminhõezinhos, e as meninas brincavam em outro local, com as bonecas que fazíamos de espiga de milho, com o cabelo cor de rosa.

Me lembro também que eu sempre gostei de ler, o professor tomava leitura em voz alta e as outras crianças ficavam rindo, com a cabeça abaixada na carteira. Um dia me deu uma crise de riso quando eu estava lendo, e o diretor - que era muito severo - falava “levanta e lê”, então eu fui ler, e escutei os meninos rindo ai eu comecei a rir sem parar, e ao invés de ele me por de castigo ele falou “senta”, mas rindo também, depois ele saiu no corredor rindo muito. Eu tenho uma irmã que quando ia ler chorava, de vergonha, porque a turma ficava rindo e ela chorando, então ele (o professor) falava “levanta Geni, termina de ler”, então eu terminava a e leitura do livro

Então, ainda quando estudávamos, quando chegávamos da escola, trocávamos de roupa e íamos para a roca, não tínhamos tempo para brincar, só aos sábados, depois do almoço, porque trabalhávamos até meio dia, e aos domingos. Eram nesses dias que eu brincava com as amiguinhas, porque eu só tinha um irmão e uma irmã mais novos, o resto é tudo mais velho. Depois de mim, teve o meu irmão que hoje está com 60 (sessenta) e a minha irmã que hoje está com 58 (cinquenta) anos, que é a caçula. Somos em 9 (nove) irmãos ao todo.

Me recordo que brincávamos de passar anel, ai brincava meninas e meninos. E as brincadeiras daquela época eram legais e sadias, a gente brincava sem malícia. Os meninos e as meninas, a pesar de que eles (os pais) não gostavam, mas em festa não tinha como separar né.

Eu sinto saudades da minha infância.

Os meus pais não deixavam a gente sair, tinha que brincar em casa. Nunca nos deixavam brincar na casa das amigas. E essas duas amigas minha sempre vinham em casa para brincar comigo, porque eu não podia ir na casa delas.

Meus pais nunca eram amáveis. Não eram iguais aos pais de hoje que agradam os filhos. Era sempre assim: “não”, “não” e “não”. Não nos abraçavam. Mesmo eu sentindo falta do abraço e do carinho dos meus pais, hoje eu entendo que era o jeito deles. Eles tinham vergonha de abraçar. Achavam que aquilo era feio. Eu acho que eles também foram criados assim, e eu acabei adquirindo isso para a minha vida também, continuei sendo como eles eram. E os meus filhos reclamam, porque eu não sou carinhosa. Tudo que eu posso dar eu dou, mas eu não sou de falar que amo. Eu sinto dentro de mim, mas não tenho coragem de falar. É a criação, continuei a fazer o mesmo que fizeram comigo.

Mesmo assim, eu acho que eu aproveitei bem a minha infância

Eu tinha 22 (vinte e dois) anos quando fui embora da fazenda. Eu me casei e fui embora. Não tenho como reclamar dos meus pais. O jeito deles eu entendo ainda. Hoje já são

falecidos. Mas eram assim, qualquer coisa batia. A gente apanhava muito. Lá em casa tinha tarefa. Eu lavava roupa e varria o quintal, minha irmã era passar barro no chão, naquela época não tinha piso, a outra (irmã) tinha que passar roupa.

E na fazenda, nós não ganhávamos dinheiro por ter ajudado os pais na roça, se quiséssemos ganhar um dinheiro, na safra do algodão, tinha que colher algodão para ganhar seu dinheiro separado. Com o dinheiro que eu ganhava, na safra do algodão eu comprava tecido e a minha irmã mais velha costurava roupas para mim. E era ela, inclusive que comprava roupa íntima. Minha mãe nunca dava, com vergonha de comprar, então a minha irmã mais velha que comprava das “mascates”. Ela comprava escondido e a gente usava escondido. Pra ver a diferença de hoje.

Então os meus pais não precisaram nem se preocupar, eu não aprendi nem fumar, porque eles não fumavam perto de nós. Droga nem ouvia falar. O perigo era medo que nós começássemos a namorar. Não queriam que namorássemos, com medo.

Quando eu comecei a namorar eu tinha 17 anos, namorei só o pai dos meus filhos. E não estamos mais casados, já faz um tempo que me separei meu filho de 24 (vinte e quatro) anos tinha 2 (dois) anos de idade. E estou sozinha desde então.

As melhores recordações que tenho da fazenda são as festas juninas. Festa de São João, Santo Antônio. Era bom de mais, era uma delícia. Sinto falta de tomarmos café da manhã no curral. Levantava às 3h (três) horas da manhã, enchia a moringa, cada dia um de nós ficava encarregado de buscar o leite.

Em termos de alimentação, nunca passei fome. Na fazenda nós tínhamos vaca, leite, porco, galinha, ovos, verdura, sempre teve. Nós nunca ficamos em uma fase difícil ao ponto de não ter o que comer. Pelo menos em termos de alimentação o meu pai não nos deixou passar dificuldade.

Lembro também que íamos à missa na cidade todo domingo de manhã – á pé também – ou a cavalo. Eu não via a hora de ir à missa, nossa, que delícia!

Como tinha uma irmã que morava numa chácara pertinho da cidade, as vezes, depois da missa, passávamos lá e almoçávamos, ou íamos em bora, chegávamos em casa íamos almoçar e só depois é que íamos brincar, e brincávamos a tarde toda.

Eu sempre adorei animal. Eu tinha gato, tinha cachorro. Então também eram minha diversão e minha brincadeira.

Como naquela época não tinha televisão, eu lia muito. Eu lia com a lamparina. E meu pai não gostava, eu tinha que ler escondido. Eu lia com a porta fechada, mas tinha uma

“tramelinha” que quando batia ela abria, ai ele tomava o caderno, jogava fora. E eu sempre gostei de ler. Até hoje quando eu chego em casa, a primeira coisa que faço é ler.

Hoje, eu leio e escrevo de tudo. O meu filho tem o terceiro ano e eu leio e escrevo muito mais rápido que ele, e escrevo certinho, e o português dele é meio “erradinho”, as vezes eu corrijo ele.

Outra coisa que sinto falta é dos meus irmãos, a gente brigava muito. Por exemplo, eu tenho um irmão falecido, nós brigávamos de mais porque ele era muito bobo. Às vezes, estávamos brincando e ele chegava para acabar com a brincadeira, arrancava o cabelo das bonecas, jogava fora, e chorava. Em vez de meus pais ficarem bravos com ele, ficavam bravos comigo, porque eu também não era fácil.

Então eu tenho muita saudade dessa época, pois eu quase não os vejo. Nós morávamos em Votuporanga -SP, e quando nos encontramos, só falamos do passado mesmo.

Do restante, não tem como falar, que a minha infância foi ruim. Eu entendi o lado dos meus pais, que nunca deu carinho, e eles achavam que estavam certos, mas ainda assim, eu sinto falta de um abraço, de um carinho deles. Se eles voltassem e me fizessem carinho, nossa... A minha filha não mora aqui, ela mora longe, e quando liga fala “mãe, eu te amo, beijo”, eu fico com vergonha de falar pra ela que eu amo a amo, então a minha criação que foi assim. Agora eu estou me soltando, estou falando “eu amo você também”. Ela fala que eu tenho que falar para o Claudio – meu filho que é solteiro –, que eu também amo ele - ele é “meio grossão” -, e eu digo que eu não tenho coragem de falar para ele que eu o amo, só se for por telefone , é de criação.

Eu sinto muita saudades da minha família, dos meus irmãos, dos meus pais, a minha mãe fez 16 (dezesseis) anos que faleceu e o meu pai faz 8 (oito) anos. A minha mãe já estava de idade, e o meu pai também, já estava com 86 (oitenta e seis) anos e a minha mãe, 80 (oitenta). Sabe quando você não tem mais nem vontade de ir lá na cidade? (Votuporanga SP)?

Aquela comidinha gostosa da minha mãe, franguinho caipira, aquele macarrão, a gente nunca mais vai provar. Era gostoso.

Então eu não tenho o que falar. Só saudades, só coisas boas.

Figura 02 – Geni Ferreira da Silva na infância



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

2.2 A infância e a escolarização do Senhor Marcílio Castro de Oliveira

Figura 03 Marcílio Castro de Oliveira



Fonte: Acervo da pesquisadora

Chamo-me Marcilio Castro de Oliveira, eu nasci em Pontalinda-SP e depois fomos morar em Jales-SP. Pontalinda-SP é municípios de Jales-SP, é pertinho ali.

Quando eu estava com 7 (sete) anos eu perdi meu pai. Ficamos eu e meus irmãos. Nós morávamos em uma casa de aluguel, aí a firma que o meu finado pai trabalhava, deu uma casa para a minha mãe, em Jales-SP. Nós fomos morar dentro desta casa e a minha mãe, foi fazendo alguns “servicinhos”, fazia pano de prato.

Eu comecei a estudar em Jales – SP, fiz a pré-escola, depois passei para a primeira série, segunda, depois para a terceira série, quarto ano, aí quando eu passei para a quinta série, nós tínhamos que ir embora de Jales - SP para Campinas - SP, então não tinha mais como estudar, e foi por conta disto que parei de estudar. Eu sei que se eu tivesse continuado – a estudar -, hoje não estaria aqui dando “murro em ponta de faca”.

Pelo que eu vejo as pessoas hoje, os meus filhos, antigamente parece que o estudo valia mais do que o de hoje, bem, eu penso do meu modo, parece que valia mais que o de hoje. Eu falo porque, quando os meus filhos foram para a escola, eu via que eles não sabiam nem o que era a tabuada, eu que ensinava eles. Veja, eu na minha idade, hoje, na parte de matemática, eu ensinava as minhas filhas e o meu filho.

Mas até hoje eu me arrependo muito de não ter estudado, de não ter me formado. Porque o estudo faz muita falta na vida das pessoas, e veja, eu tenho a quinta série, mas a minha caligrafia é ruim, é uma letra meio “coisada”. Eu não sei se foi por conta da picada de cobra que eu levei quando trabalhava na fazenda do Japonês, aí as minhas vistas ficaram meio curtas. Desse tempo para cá, se eu for assinar um monte de papel, por o meu nome, parece que “atrapalha”, parece que fica irritado os olhos, e as letras não saem bonitinhas. Então a minha caligrafia é péssima, não é boa.

Mas eu não me arrependo não, porque até onde eu estudei, graças à Deus se eu sair daqui e ir lá para o estado de São Paulo, se eu passar no lugar, eu sei onde eu estou. Então quer dizer que isso facilitou pra mim, porque eu tenho a finada minha mãe que era analfabeta. Ela viajava de Jales – SP para Campinas-SP, tinha que ter um filho acompanhando ela, porque ela não sabia ler, não sabia onde estava. Então, no meu modo de pensar, eu estudei pouco, mas para mim serviu um pouco.

Se eu colocar o óculos, eu leio tudo essas letras pequenas, eu acho que foi por causa do acidente que eu tive, com a cascavel que pegou aqui na minha mão, desde então, as minhas vista ficaram mais fracas. O meu próprio médico me disse “olha, mais para frente, o senhor vai sentir perda das vistas um pouco, o senhor vai ter que usar óculos”, e hoje eu uso óculos, e pelo trabalho que eu exerço aqui na firma, não tem como eu usar óculos. A gente transpira, aí coloca ele no jaleco, e é perigoso cair no chão e quebrar. Então eu uso ele quando estou em

casa, quando eu vou sair, ir em alguma loja comprar alguma coisa, assinar algum papel, aí eu o carrego.

Recordo-me que a escola tinha as carteiras, que eram umas mesinhas de madeira, e os bancos eram de taboa.

As minhas professoras eram boas, ensinavam bem, não tenho o que reclamar, apesar de que elas eram rígidas.

Tínhamos castigo na escola, eu mesmo sendo um bom aluno – graças à Deus, mas tinha umas meninas que eram meio “atravessadas”, faziam aquelas bolinhas de papel, de folha de caderno, eu lá quieto, na minha carteira, eles jogavam aquelas bolinhas na minha cabeça. E nisso, um jogou um bilhete falando que eu estava gostando de uma menina, e a menina pegou aquele bilhete e entregou para a professora, aí a professora chamou a minha atenção. Como estava cheio de bolinha de papel no chão, a professora me deu suspensão, eu fiquei suspenso por 3 (três) dias. Então eu fiquei de suspensão por culpa de um coleguinha, porque ele escreveu o nome da menina e jogou em mim e eu que “paguei o pato”.

Além desse, bem, não aconteceu comigo, mas com outros colegas, outras formas de castigo. Naquele tempo, eles colocavam tampinha de garrafa para as crianças ajoelharem em cima, grão de feijão, grãos de milho, tudo para ajoelhar em cima. Eu mesmo não peguei. Só peguei a suspensão de 3 dias por causa desse bilhete, porque o menino colocou que eu estava –com o perdão da palavra – a fim dela. Veja só o que aconteceu, eu cheguei em casa, falei para a minha mãe, e ela me deu uma “piza”, e eu sem dever apanhei. Naquele tempo, os pais da gente usavam “rabo de tatu”, não era cinta e nem varinha, batia de “rabo de tatu”, que é um relho trançado com couro. que tem uma ponta chata. Então os pais eram rígidos também.

E quando uma professora ficava brava dentro da sala de aula, naquele tempo tinha umas régua, não sei se vocês já ouviram falar de uma régua de bambu, cumprida, ela ia na lousa e apontava as letras, e elas chegavam e batiam na carteira, para chamar a atenção .

Eu não me lembro o nome de nenhuma professora que me deu aula, e também não me recordo o nome da cartilha com que estudei.

Eu não reprovei nenhum ano. Porque graças à Deus eu era aluno que não tinha muita intimidade. Por exemplo, no recreio é sempre aquela molecada, e eu não tinha intimidade de chegar e me misturar, eu ficava igual “bicho do mato”, reservado do lado. Quando batia o sinal do recreio e eu voltava pra classe.

Eu estudava de cedo, até à tardezinha, das 06h (seis) da manhã, até às 17h e 30min. (dezessete e trinta), ficava o dia inteiro na escola.

Eu me lembro do lanche da escola, era leite com Toddy, pão com margarina que era servido de manhã, e tinha a merenda, que era uma sopa que eles faziam com legumes que era o almoço. Na escola tinha umas mesas grandes, e sentavam todos para lanche. Tratavam até bem, na escola.

Me lembro ainda que na sala tinha separação de meninas de um lado e meninos de outro, não era tudo misturado não, era a mesma sala de aula, porém separados meninos e meninas. Porém no recreio meninos e meninas brincavam juntos. Menos eu, que ficava afastado. Mas os meninos brincavam. Brincavam de bola queimada. Eu ficava em baixo de uma árvore lá só olhando eles brincando.

E quando entrava dentro da sala de aula, que eu me lembre, antes de começar a estudar, à fazer o dever, a primeira coisa era rezar. Rezávamos a oração do Pai-nosso, ave-maria, agradecíamos e só então começamos a estudar. Todos os dias fazíamos isso. A turma entrava fazendo barulho, depois que silenciava, rezávamos, só aí que começava a aula. Essa oração foi até o 3º ano, aí no 4º e 5º ano já não tinha mais.

Eu não sei se foi por conta do costume, da criação que eu tive, porque, eu vou falar uma coisa, hoje, eu tenho duas netas e um neto, se eu vejo eles fazerem “arte” eu corrijo, pode estar a mãe e o pai junto. Porque no meu tempo, quando o meu pai e a minha mãe eram vivos, nós não passávamos entre os mais velhos, a gente tinha educação. Eu falei pra ela (a filha) “ o que eu não tive, hoje que eu tenho meus netos, eu faço por eles, e graças à Deus, o meu neto está indo bem na escolinha dele, as menininhas todas chegam e pedem bênção “oh vô, dá bença”, então eu compro um brinquedo para eles... Outra coisa que eu falei pra ela (a filha), que eu não tive esse negócio de as pessoas me darem carinho, eu fazia daqueles litros de óleo, agente emendava as latas e fazia o brinquedo

Depois da morte do meu pai eu e meu irmão – nós éramos novo ainda, éramos crianças – nos estudávamos, íamos pra escola, estudávamos na parte da manhã, e depois que chegávamos em casa, almoçávamos, cada um pegava uma caixa de engraxate e íamos pra rua trabalhar – engraxar sapato.

Quando meu pai faleceu, eu tinha 7 (sete) anos, morávamos eu, meu irmão caçula ,minha irmã caçula e minha mãe. Porque os meus irmãos mais velhos, já eram maiores e já estavam trabalhando para outros lados. Eles sempre vinham passear, mas na casa mesmo, só estávamos nós. Quando aconteceu o acidente, aí juntou todo mundo.

Sobre esse negócio de brincar, era muito pouco o tempo que tínhamos para brincar, até porque não tínhamos brinquedo naquela época. Bem, tinha brinquedo, mas..., a nossa televisão era aquelas televisão antigas, preto e branco.

Sabe que jeito nós assistíamos televisão? Na porta da casa do vizinho. Sentávamos em frente à rua, aí até enquanto não viesse alguém e fechasse a porta, nós estávamos assistindo. Porque em casa não tinha televisão.

Nós éramos em 8 (oito) irmãos. Tenho um irmão falecido. Hoje somos em dois irmãos e três irmãs e eu, porque o outro faleceu.

Depois de um tempo a minha mãe também faleceu. Quando ela faleceu, eu já tinha me casado. Eu estava com 19 (dezenove) para 20 (vinte) anos. A minha irmã mais velha, pegou eu e meu irmão, e fomos para Campinas-SP. Eu ainda era menor de idade, chegamos em Campinas-SP e nos fomos morar em um barraco que era da prefeitura.

Eu estava numa faixa de 12 para 13 anos, consegui um serviço no mercado, fui trabalhar como “pacoteiro”, só que naquela época, eu não ganhava salário, ganhava aquelas gorjetas que as pessoas davam. Foi assim que eu comecei a trabalhar no mercado.

Com o decorrer do tempo foi me acostumando com o serviço, e era com aquele dinheiro que eu ganhava, que eu ajudava a minha mãe a nos sustentar. Depois de um tempo, me passaram para dentro da loja, e eu já comecei a trabalhar por mês no mercado. Eu trabalhei 7 (sete) anos e meio no mercado, como funcionário.

Depois eu me casei, sai lá de Campinas-SP, a minha mulher é aqui de Jales-SP, digo, Aspásia-SP. Nos casamos, depois, nós voltamos para Campinas-SP. Isso foi em 1976, eu vim para cá, para o Mato Grosso do sul, cheguei aqui e já fui direto para uma fazenda.

Depois que eu vim pra cá (para o Mato Grosso do Sul), eu trabalhei na fazenda desse homem, trabalhei com ele 1(um) ano e meio. Depois fui trabalhar de empreita. Depois trabalhei em uma fazenda tirando leite por mês tirando leite. Só nesse negócio de tirar leite, eu trabalhei 16 anos, tirando leite. Eu já era casado, tinha quase 30 (trinta) anos. Uns 28 (vinte e oito)... 29 (vinte e novo) anos. Eu trabalhei na fazenda tirando leite.

Depois vieram os meus filhos, eu tenho 4 (quatro) filhos, e como morávamos na fazenda, para por eles na escola, estava muito difícil, tinham que passar no meio de gado. Conforme eles foram ficando maiores, eu me mudei para a cidade. O dono da fazenda onde eu morava - porque eu trabalhei numa fazenda aqui, do Japonês, ele se chamava Rubens, eu trabalhei na fazenda dele 12 anos-, fez um acordo comigo e desse acordo foi que eu comprei a minha casinha no jardim Karina.

Meus filhos foram crescendo, hoje estão todos casados, só tem meu filho – único que deu um pouco mais de trabalho - hoje ele está com trinta e poucos anos, ele não aguenta trabalhar. Pegar sol ele não aguenta. Quando ele era novinho ele caiu de um carrinho e machucou o lado esquerdo, então deu uma mancha no cérebro. Eu tive que comprar remédio

controlado, por muitos anos. Então hoje ele está conosco, e eu sempre falo: “oh meu filho, enquanto seu pai estiver vivo, eu vou sustentando você, porque você não dá conta de trabalhar”. Ele faz um “biquinho” lá na horta, mas ele chega, deita, ele não aguenta serviço. Então ele fica ali, se eu peço assim: “oh, você vai lá paga uma conta de água pra mim!”, tudo ele vai e faz tudo certinho. Eu sempre digo pra ele: “até o dia que eu tiver dando conta de tratar de você, eu vou continuar, agora, eu não sei o dia de amanhã, se seu pai falecer, ai você tem que se espernear.”

Como eu estava dizendo antes, aconteceu um acidente comigo na fazenda do Japonês. Eu fui picado por uma cobra cascavel, eu estive entre a vida e a morte. E hoje, eu leio assim, se for uma letra grande e tudo, mas se for mexer em um celular desse, ou escrever no caderno, ai eu preciso por os óculos, porque a vista já embarça um pouco. Já faz muito tempo que aconteceu o acidente comigo

Depois disso, me deu problemas, eu perdi os meus dentes todos, eu tinha os dentes muito bons, perdi tudo, por causa da picada da cobra.

Ela pegou nessa mão aqui, quase pega em cima da veia. Eu fiquei com uma faixa no braço assim, descia até no pé. Eu fiquei durante 60 (sessenta) dias com essa faixa.

Eu tentei colocar aquela prótese, mas eu não consegui, por causa daquele aparelho que tinha que por na boca. Mas hoje eu estou ai, sobre outro problema, pra falar assim..., sobre problema de coluna, gastrite, essas coisas, eu não sinto nada, não tenho problema nenhum, a única coisa são as minhas vistas.

No dia do acidente, eu estava na fazenda, trabalhando... Trabalhando não, foi num domingo, e lá, usávamos muito fogão à lenha, eu fui buscar um trator de lenha, e a hora que eu voltei, tinha um “capão de mato”, e a minha menina, a Buguana, na época ela tinha 4 (quatro) anos, ai eu estava voltando... - ai eu já estou contando outra história...

Eu estava falando do acidente da cobra - eu tenho duas histórias pra eu contar para vocês.

Eu fui na beira do “capão do mato”, estava voltando com o trator, a minha menina foi coçar a perna, e eu passei em cima dela com o trator, só não matei a minha filha, porque ela caiu no buraco. Ela caiu no buraco, e a roda de trás ficou em cima dela. Ai teve que ir pra Três Lagoas - MS fazer cirurgia, e tudo, teve que engessar ela do pescoço até os pés, tudo. Foi uma vida “desgramada” que eu passei.

E sobre aquele negócio que estávamos falando ali... sei que foi uma vida assim, muito sofrida. Hoje, o que eu tenho, graças à Deus, eu não perco pra ninguém. Não devo pra ninguém, sempre as minhas coisas estão em ordem.

Eu entrei aqui na firma, estou trabalhando, até hoje, ainda não tenho falta aqui, não tenho atestado nenhum, nunca perdi um dia de serviço. Não falo de agora em diante, porque eu estou com 56 (cinquenta e seis) anos hoje, mas graças à Deus até agora...

Voltando a falar da minha infância, olha, eu vou te dizer, eu não sei falar o que é brincar. Como eu te disse em instantes, eu ia assistir televisão na casa do vizinho. Quem deu uma televisão pra nós - não sei se você se lembra, de uma televisãozinha, que a caixa dela era de serragem, bem antiga -, foram as irmãs de uma igreja de Jales-SP que deu pra nós. E foi assim que nós tivemos uma televisão.

A programação naquela época era novela e desenhos, mas não ficava muito interessado em novela, criança gosta mais de desenho. Mas assistíamos pouco desenho também, porque já estávamos pensando em trabalhar.

Já naquela época, eu e meu irmão caçula sustentávamos a casa.

A minha finada mãe costurava, fazia guardanapo, remendar roupa, porque naquele tempo antigo, as pessoas não compravam roupa, elas remendavam uma calça, uma camisa, pra trabalhar, não é igual hoje que você vai na loja e compra, tudo mais fácil hoje. Hoje nos temos maquina pra lavar roupa, maquina pra secar, tudo mais fácil hoje. Mas naquele tempo a “lavação” de roupa era no “batedor”, era uma tábua em uma forquilha, ia pra beira do córrego e as mulheres lavavam aquela roupa. E aquela “casinha de pau a pique”, “embarreada”, cheia de barro, fogãozinho à lenha...

Então, como eu estava dizendo, as coisas hoje estão tudo diferente, hoje uma criança nasce, ele tem um carrinho, tem uma televisão pra assistir, tem vídeo game, e naquele tempo não existia isso. Hoje está tudo mais fácil. Hoje, o menino está com 7 (sete) anos – eu falo, porque eu já vi muito em escola que eu já trabalhei também – eu já vi menino de 6 (seis) para 7 (sete) anos com telefone e é dos bons. E é por isso que eu falo que naquela época a gente não tinha nada. O brinquedo que mais se via era, sabe aquele litro de óleo em lata, a gente furava um buraco no fundo de cada lata e passa um arame e fazia aquela corda e saia puxando aquele barbante. Era o melhor brinquedo que tinha. Hoje está tudo mais fácil.

Veja, hoje eu tenho os meus netos, se eles estão na minha casa e vão embora, o vô já dá um dinheirinho e eles já compram um doce, ai a vó já vai e compra um carrinho, ela compra hoje e à tarde já está quebrado. A vó vai lá e compra outro. O vô também. Então se eu não tive, eu vou fazer para os meus netos. Eu gosto deles, gosto das minhas filhas. Então não tenho o que reclamar das minhas filhas e dos meus netos. Porque, o que eu e a minha esposa pudermos fazer para eles nos faremos.

Pra mim, eu só achei ruim uma coisa ruim na minha infância, foi eu não poder ter estudado. Mas voltar à estudar hoje é mais difícil. Porque hoje, por exemplo, eu já tenho a minha família formada e as minhas filhas todas casadas, só o menino que está conosco. Agora somos eu, a minha mulher e o meu filho, e não tenho mais aquela vontade de estudar. Mas eu pensava muito em achar uma escola pra estudar pra eu conseguir arrumar a minha letra, porque a minha letra é muito ruim. A minha caligrafia é muito ruim.

Assim quando eu vou escrever o meu nome, tem vezes que vai saindo maior e depois vai “amiudando”. Então eu acho que eu precisava melhorar na caligrafia. Mas Graças à Deus, eu escrevo de tudo. E ler as palavras grandes, porque antigamente eu não precisava de óculos, porque que não tinha o problema do acidente, mas eu leio até hoje, e leio muito bem.

Eu tentei tirar uma “carta de carro”, mas eu tive um problema por parte do meu genro. Eu estava inda bem na escola, fazendo a alta-escola, eu já estava dirigindo carro, quando fui fazer o exame pratico do Detran, fui reprovado, porque eles mandaram eu encostar o carro no meio fio, e eu esqueci de dar a seta, o resto eu fiz tudo certinho. Mas eu já saí de casa perturbado, porque eu passei um momento com a minha filha caçula, ela arrumou um rapaz na vida dela que trouxe muito problema pra mim e pra mãe dela e nós sofremos um pouco com eles. Então, aquilo, eu ia pra autoescola, a cabeça metade na autoescola, metade na minha filha, então a cabeça não estava boa.

Então como eu já tinha pago a auto escola, passar ou não passar, tem que ir, eu já havia pago, então atrapalhou. Mas sobre o resto, graças à Deus não teve nada. Eu só não consegui tirar a carta, e não quis mais tirar, porque teria que fazer tudo de novo.

Tem uma menina minha que mora em Aparecida do Taboado (MS), ela tem uma casa aqui, e sobre os problemas do estudo apertado de mais, eu investi na casa dela, então eu que estou pagando a casa pra ela. Ai nós fizemos um contrato, que caso ela queira voltar pra trás, ela tem que me devolver aquele dinheiro que eu estou investindo. E se ela vender, ela tem que me dar aquele dinheiro que eu estou investindo.

Falando um pouco sobre a relação com os meu pais, era boa, mesmo eles me colocando para trabalhar muito cedo e acredito que isto se deve a criação do meu pai – que até hoje quando eu falo dele, os meus olhos se enchem d’água – então, pela educação que ele deu pra nós, nós sempre ajudávamos em casa, nós sempre dávamos o salario nas mãos dos pais, ele sempre dava uma parte pra nós, que saímos correndo pra comprar doces, como toda criança. Então, eu gostava daquilo. Eu e minha família sempre fomos muito unidos.

Depois com a perda do meu pai, da minha mãe, do meu irmão ai foi complicando mais.

A primeira firma onde ele trabalhou (o pai) foi uma pedreira, a firma se chamava “Pedreira”. Ele (o pai) se levantou de madrugada e foi trabalhar, e o motorista, eu acho que ele estava “com a cabeça fora do lugar”, e estava correndo, e naquela época não tinha radar em rodovia, e como ele estava correndo muito, freou o caminhão saiu capotando no meio da estrada. E o finado meu pai, até tentou se segurar, mas na capotagem o caminhão o jogou no chão, ai estourou tudo por dentro. Ai quando nós soubemos da noticia, já chegou a ambulância, com caixão, e meus irmão e o povo foi chegando.

Foi um acontecimento muito ruim!

FIGURA 04 - Carteira de trabalho¹



FONTE: Acervo pessoal do entrevistado

Única foto que o Sr. Marcilio possui da sua infância

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo deste trabalho, ficou evidente que a educação é de suma importância na vida das pessoas, pois é por intermédio desta que se adquire uma melhor qualidade de vida e tem a oportunidade de mudar a sua realidade.

Educação, muito além de um direito de todos é um dever do Estado, também, deve ser uma prioridade das famílias, que devem incentivar e conscientizar suas crianças e adolescentes sobre a importância da educação em suas vidas, como mola propulsora do empoderamento do ser. Nos dias de hoje, em que o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo a formação é fator de seleção de candidatos, onde os mais capacitados, por certo, ocupam as melhores colocações, sobrando aos menos capacitados aquelas colocações mais baixas, que também estão sendo muito concorridas, visto a grande quantidade de pessoas com um formação educacional e profissional deficitária.

Conclui-se ainda, com o trabalho, que é grande a influência que a criação exerce sobre as pessoas. A criança, nos primeiros anos de vida, absorve todo o ambiente ao seu redor, e vai ser fruto da forma é criada. Pessoas que são criadas em um ambiente harmonioso, cercada de amor, serão pessoas amorosas, entretanto pessoas criadas em um lar ríspido e hostil, tende a reproduzir isso em suas relações, seja com a família, seja no trabalho, porque ela foi ensinada assim, aprendeu assim de seus pais, que certamente por certo também aprenderam com os pais, e assim vai-se perpetuando determinados comportamentos sejam eles desejados ou não.

Muitos pais são incapazes de um gesto de carinho para com seus filhos, de uma conversa franca, ou até mesmo de colocar limites. Com a correria da vida moderna, pais e filhos tem tido cada vez menos contato, e as famílias têm delegado à escola/Estado a função de educar as crianças, enquanto esse papel originariamente deveria ser dos pais (que estão ocupados de mais para o entretanto) e subsidiariamente da escola/Estado.

Se quisermos um mundo melhor, precisamos descruzar os braços e fazer nos mesmo as mudanças que queremos. E é por meio da educação que vai se conseguir mudar as pessoas, para mudar o mundo, é criando cidadãos conscientes que vamos tornar o mundo em um lugar melhor pra se viver. Onde todas as crianças em vez de trabalhar, vão estudar, vão brincar vão ser crianças, vão experimentar o lúdico, enquanto tem comida na mesa todos os dias.

E diferentemente disso, enquanto a educação continuar a não ser prioridade, e ser negligenciada, como temos visto no mundo todo, a realidade do mundo não tem um bom prognóstico, pois como bem diz o grande Paulo Freire, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Quando as entrevistas, pode-se observar que apesar de terem tido uma infância sofrida, de ter que abandonar a escola muito cedo para trabalharem e ajudar sua família, a dona Geni Ferreira da Silva e o senhor Marcílio Castro de Oliveira são felizes e não guardam mágoa do passado, mesmo com toda a dificuldade enfrentada durante a vida, sempre seguiram em frente e tornou-se pessoas de bem, trabalhadores honestos, e mesmo que o trabalho de limpeza pública os tornem “invisíveis” eles são felizes, por estarem trabalhando, e sustentando suas famílias.

Apreendeu-se com eles a reclamar menos da vida, e ser mais feliz com o pouco que se tem, mas que foi conquistado com o suor trabalho diário, investir mais na formação (acadêmicas e humana) e dos que nos cercam, pois esta é a peça fundamental na construção de um futuro sólido e libertário.

A presente pesquisa não está concluída, pois o mais importante, complexo e rico foi a aprendizagem que eles - os entrevistados- nos transmitiram, a de que por trás da vassoura e do carrinho, existe uma pessoa, com uma história, com sonhos, com medos, com problemas, existe um ser humano que deve ser respeitado e valorizado como tal.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BONI, Marcela. **Transcrição e colaboração**: mais que conceitos, uma forma de compartilhar conhecimentos. Disponível em: <<https://nehosp.wordpress.com/2013/08/30/transcriacao-e-colaboracao-mais-que-conceitos-uma-forma-de-compartilhar-conhecimentos/>> Acessado em: 27/04/2016.

CARNEIRO, Josué. **A história oral como instrumento no desenvolvimento e elaboração da pesquisa**. Universidades Estadual de Maringá. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/11325-71144-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/11325-71144-1-PB%20(2).pdf)> Acesso em 15/05/2016.

COSTA, Fernando Braga da. **Moises e Nilce**: Retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. USP. São Paulo. 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/costafernando_do.pdf> Acesso em 03/09/2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FEBVRE., Lucien. **Combates pela História**. Trad. Leonor Martinho Simões e Gisela Moniz Lisboa. Editorial Presença, 1989.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**. Possibilidades e procedimento. 2. ed.; São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Humilhação Social**: Um problema político em psicologia. V. 9, n. 2. USP. São Paulo . 1998.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5.ed. Campinas/SP, 2003

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. UFSCAR. Disponível em: <http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista>. Acesso em 09/08/2016.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, família. São Paulo: Contexto, 2011.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araujo Magalhães. **Memória, História Oral e Narrativa**: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista. UFPI, 2016.

PEREIRA SILVA, Lourdes Ana. **História oral, história de família**: perspectivas teórico-metodológicas na pesquisa em comunicação. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS v. 19, n.2 – Jul./Dez. 2013.

PINTO, Fabiana. **O que é História Oral?** Disponível em <<http://www.revistacapitolina.com.br/o-que-e-historia-oral/>>. Acesso em 13/09/2016.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, jan./abr. 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14087/15905>>. Acesso em 03/06/2016.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. São Paulo: Paz e terra, 1992.

ANEXOS